

## **CRIANÇAS COM DISLEXIA: CONHECIMENTOS DE PROFESSORES E PAIS DURANTE O ENSINO REMOTO**

Debora Calabro Gonzalez (IC) e Ronê Paiano (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### **RESUMO**

A pesquisa aborda a dislexia como uma dificuldade específica de aprendizagem originada de fatores neurobiológicos, contribuindo para preencher a lacuna teórica sobre os mecanismos específicos ligados aos distúrbios do neurodesenvolvimento. O estudo tem por objetivo investigar o conhecimento dos pais e professores sobre a aprendizagem de crianças com dislexia durante o ensino remoto, explorando aspectos como a participação dos pais, o acesso ao ebook sobre dislexia e o impacto percebido. Utilizando uma metodologia mista com questionários estruturados, a análise de conteúdo das entrevistas revela nuances complexas da dislexia e transtornos de aprendizagem no contexto do ensino remoto. A pesquisa destaca que os transtornos de aprendizado continuam sendo um tabu, agravado pela pandemia de COVID-19 e pela transição para o ensino remoto, ampliando as desigualdades educacionais, especialmente para crianças de classes sociais menos privilegiadas. Os resultados ressaltam desafios, como o diagnóstico tardio, falta de acolhimento nas escolas e equívocos sobre a dislexia por parte dos pais. Na amostra de 20 responsáveis, a pesquisa evidencia a importância do diagnóstico precoce e da interação efetiva entre escolas e responsáveis. A pesquisa com 15 professores em São Paulo destaca a necessidade de capacitação e preparação escolar para lidar com transtornos de aprendizagem, evidenciando lacunas no conhecimento sobre dislexia. Esses achados reforçam a urgência de estratégias inclusivas e conscientização para promover uma educação de qualidade para todos.

**Palavras-chave:** Dislexia. Transtorno específicos de aprendizagem. Ensino remoto.

### **ABSTRACT**

The research addresses dyslexia as a specific learning difficulty originating from neurobiological factors, contributing to filling the theoretical gap regarding specific mechanisms linked to neurodevelopmental disorders. The study aims to investigate parents' and teachers' knowledge about the learning of children with dyslexia during remote teaching, exploring aspects such as parental involvement, access to the e-book on dyslexia, and perceived impact. Using a mixed-methods approach with structured questionnaires, the content analysis of interviews reveals complex nuances of dyslexia and learning disorders in the context of remote

teaching. The research highlights that learning disorders remain a taboo, exacerbated by the COVID-19 pandemic and the transition to remote teaching, widening educational inequalities, especially for children from less privileged social classes. The results emphasize challenges such as late diagnosis, lack of support in schools, and misconceptions about dyslexia by parents. In the sample of 20 caregivers, the research underscores the importance of early diagnosis and effective interaction between schools and caregivers. The study involving 15 teachers in São Paulo highlights the need for training and school preparation to deal with learning disorders, revealing gaps in knowledge about dyslexia. These findings reinforce the urgency of inclusive strategies and awareness to promote quality education for all.

**Keywords:** Dyslexia. Specific learning disorder. Remote teaching

## 1. INTRODUÇÃO

No processo inicial de alfabetização é possível encontrar muitos casos de crianças com grandes dificuldades quando comparadas ao que é esperado para a idade e aos outros alunos em sala de aula. Uma das principais causas de dificuldade de um aprendizado efetivo, é a dislexia que, segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.<sup>a</sup> edição ou DSM-5 (APA – 2014) é um transtorno do Neurodesenvolvimento com prejuízo na leitura.

Resultados de pesquisas agravam este cenário uma vez que foram encontrados pouquíssimos cursos de pedagogia que tratam da neurociência em seus currículos (LEÓN; SEABRA; DIAS, 2018; MUNIZ; SILVA; COUTINHO, 2013) o que pode gerar profissionais com poucos conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro assim como em relação aos problemas de aprendizado decorrentes destes transtornos. Em outra pesquisa na qual León e colaboradores (2019) elaboraram um questionário para avaliar o conhecimento de estudantes de pedagogia sobre os Transtornos Específicos da Aprendizagem (TEAp) foi encontrado um maior conhecimento sobre TEAp dos estudantes concluintes em relação aos ingressantes, porém com resultados baixos em alguns itens o que sinalizam a necessidade de incluir disciplinas sobre TEAp na grade curricular dos cursos de pedagogia.

No ano de 2021, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) revelou um retrocesso sem precedentes na aprendizagem dos alunos durante o período de ensino remoto. O Inep, Ministério da Educação divulgou os resultados, que mostraram que todas as disciplinas e ciclos da educação básica no Brasil sofreram queda no desempenho educacional em comparação aos resultados de 2019. Os dados ilustram que o nível médio de proficiência dos alunos do 9.<sup>o</sup> ano em matemática caiu para níveis não vistos desde 2015, enquanto a sua proficiência na língua portuguesa caiu para níveis não vistos desde 2017.

O novo modelo ensino imposto pela pandemia de maneira emergencial afetou diretamente os educandos com a absorção do conhecimento, principalmente de classes sociais menos privilegiadas em virtude de que muitos estudantes que não possuíam equipamentos eletrônicos para acessar o material disponibilizado não conseguiram se engajar nas atividades remotas e ainda, quando recebiam as atividades impressas, tinham pais ou responsáveis analfabetos ou semianalfabetos que não tinham condições de oferecer auxílio para filhos nas séries iniciais entenderem a proposta da atividade encaminhada. (PACHECO;HÜBNER,2020).

Como ressaltado por Fagundes (2002), as dificuldades de aprendizagem têm sido objeto de estudo há muitos anos, e pesquisadores têm se dedicado a analisar e compreender suas características. No século XIX, houve um enfoque especial na análise das dificuldades relacionadas à leitura e escrita, o que levou à necessidade de classificar e reconhecer sistematicamente essas características. Nesse contexto, surgiu o conceito de Dislexia, que passou a ser estudado como uma designação específica para a dificuldade na linguagem escrita. Desde então, várias análises e definições dessa possível condição têm coexistido, buscando diferentes teorias para analisar as diversas manifestações das dificuldades de aprendizagem.

Ainda é ressaltado pelo DSM-5, a dificuldade de aprender a correlacionar letras a sons do próprio idioma, a ler palavras impressas, pode ser considerada uma das manifestações mais comuns do transtorno específico da aprendizagem e que ainda atinge entre 5% e 15% de crianças em idade escolar (APA, 2014). As dificuldades de aprendizagem manifestam-se como uma gama de comportamentos ou sintomas descritivos. Esses sintomas clínicos podem ser observados, investigados a fundo por entrevista clínica ou confirmados a partir de relatórios escolares ou descrições em avaliações educacionais prévias.

Segundo o DSM-5 a dislexia é um termo alternativo usado em referenciar dificuldades de aprendizagem por problemas no reconhecimento preciso e fluente do vocabulário, problemas de decodificação e dificuldades de ortografia. Se o termo dislexia for usado para especificar um aspecto particular de dificuldades, é importante também especificar quaisquer dificuldades no entendimento da leitura ou no raciocínio matemático (APA, 2014).

Sobre o conhecimento que as pessoas têm sobre a dislexia Davis (2014) conclui que a dislexia infelizmente ainda é muito desconhecida ou mal compreendida pelo mundo. Para ele, muitas vezes ela vem sendo tratada como algo que não tem jeito ou como uma forma de “fantasia” das mães para justificar a “vagabundagem” dos seus filhos. Isso deixa o indivíduo que possui dislexia, muito desamparado, levando constantemente a ter fracassos na vida escolar. O que corrobora os resultados da pesquisa realizada por Silva (2015) que constatou que os pais têm ainda alguns conhecimentos errados sobre dislexia, que podem até ter impacto negativo na vida da criança.

De acordo com Pacheco e Hübner (2020) há grandes desafios da educação no Brasil há muito tempo e com o distanciamento social ocasionado pelo Covid-19, a situação tem se tornando cada vez mais crítica para o processo de aprendizado de crianças idade escolar. Outro ponto a ser considerado, conforme Gonçalves e Peixoto (2020) salientam, é que os transtornos do neurodesenvolvimento que são relacionados com a genética não possuem cura, mas através de um tratamento e acompanhamentos específicos que compreendam o modo diferente de ler e escrever, é possível reduzir os impactos do transtorno de aprendizagem.

É possível considerar que através deste novo formato de ensino, considerado emergencial não assegura uma educação para todos. Infelizmente em nosso país, em virtude da diferença socioeconômica, institui a necessidade de a educação se adaptar em cada situação local. Há grande necessidade de evolução no contexto do ensino de maneira que a educação esteja integrada e se torne cada mais efetiva e igualitária (PACHECO; HÜBNER, 2020).

A partir destas reflexões sobre a criança com dislexia e o papel dos pais surgiram os seguintes problemas de pesquisa: Como os pais destas crianças perceberam o aprendizado de seus filhos no ensino remoto? Que auxílio conseguiram oferecer aos seus filhos neste período? Que recursos os pais utilizam para contribuir no processo de ensino aprendizagem? Será que os pais aprovaram as atividades/conteúdo do ebook? Hipotetiza-se que os pais tiveram grande dificuldade de acompanhar e auxiliar seus filhos neste período por não possuírem conhecimento pedagógico e que o ebook produzido foi pouco divulgado e consequentemente utilizado.

Conhecer a percepção dos pais sobre a aprendizagem dos filhos durante o período de ensino remoto e o quanto conseguiram ou não contribuir neste processo é de fundamental importância para a avaliação do material de apoio produzido, assim como para escolas que muitas vezes contam com o apoio dos familiares na realização de tarefas ou mesmo no auxílio das lições de casa e momentos de estudo. Crianças com dislexia já possuem dificuldades no seu cotidiano acadêmico, tanto na escola quanto em casa. Com o período de aulas remotas, em virtude da pandemia COVID-19, muito provavelmente esta dificuldade se manteve ou se acentuou podendo ter ampliado a defasagem no aprendizado destas crianças.

Pesquisa realizada em Portugal por Silva (2015) com 166 pais de crianças com diagnóstico de dislexia ou queixa encontrou que 26,7% dos pais ainda acredita que a dislexia é provocada por déficit visual, 23,3% pensa ser por déficit auditivo, 37,1% acredita que se deve a déficit de atenção e 56% pensa que o problema reside na falta de interesse pela leitura.

Neste sentido Mantoan (2002), afirma que para construir sistemas educacionais inclusivos, é necessário remodelar a forma educativa, ou seja, rever primeiramente como ensinar os educandos com dificuldade, através de objetivos de práticas motivadoras, que propiciem o crescimento do indivíduo. Infelizmente no dia a dia escolar, pode-se encontrar muitas instituições escolares tanto públicas como particulares que não fazem a mínima ideia como identificar este transtorno e classificam também como falta de maturidade do aluno.

A ausência de identificação do TEAp e a falta de políticas públicas de apoio tornam muitas vezes as crianças invisíveis do ponto de vista educacional. Sendo assim este projeto de pesquisa proporcionará um melhor entendimento do uso e acesso dos pais ao ebook sobre dislexia. Da mesma forma, a ausência de identificação do TEAp e a falta de políticas públicas de apoio tornam muitas vezes as crianças invisíveis do ponto de vista educacional. Sendo assim este projeto de iniciação científica proporcionará um melhor entendimento de quais os conhecimentos dos docentes sobre os TEAs.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar o conhecimento dos pais de crianças com dislexia sobre a aprendizagem de seus filhos(as) e de professores durante no período de ensino remoto. Como objetivos secundários, tivemos a identificação da participação dos pais no auxílio acadêmico de seus filhos durante o ensino remoto, o conhecimento do uso e acesso dos pais ao ebook sobre dislexia, avaliação do impacto do ebook em familiares que apoiam os alunos disléxicos e análise do conhecimento dos professores sobre os TEAs.

Se o ensino para crianças com Dislexia já é um desafio no dia a dia escolar, com o isolamento social iniciado em março de 2020 e o consequente ensino remoto muitos aspectos deste processo foram impactados como por exemplo as rotinas familiares com pais trabalhando em casa ao mesmo tempo que as crianças estudavam e precisavam de auxílio deles para suas tarefas escolares.

Pensando neste contexto, Seabra e colaboradores (2020) organizaram um e-book com orientação a pais de crianças com dislexia durante o período de atividades educacionais remotas numa parceria entre quatro instituições que possui funcionalidade de apoiar pais e responsáveis por crianças e adolescentes com dislexia durante o isolamento social e aulas remotas. O material está organizado em cinco tópicos: a) Características e possíveis dificuldades/forças relacionadas à dislexia; b) Não se preocupe com ...; c) Como você pode ajudar nas atividades acadêmicas? d) O que você pode fazer? e) Onde achar ideias e orientações.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para Fonseca (2011), pessoas com dislexia possuem dificuldades no reconhecimento de maneira correta da escrita das palavras, pela dificuldade do conhecimento do vocabulário e na habilidade de decodificá-las. Para este mesmo autor, a falta de habilidade no nível fonológico é determinante para este quadro. Já para Navas e De Silva (2017), a aquisição da habilidade de leitura é um processo complexo que depende de diversos fatores. Para os autores a dislexia está correlacionada à questão de comprometimento fonoaudiólogo, com grande impacto na decodificação de vocabulário e conquista de fluência na leitura.

O tratamento de crianças com Dislexia, conforme ressaltado por Gonçalves e Peixoto (2020), necessita de pessoas que de alguma forma sejam determinadas e entusiasmadas que ofereçam compreensão e apoio de forma distinta de ler e escrever, da compreensão e interação do mundo. Os pais, docentes e demais profissionais que apoiam a criança com transtorno, necessitam ser incentivadores quando o tratamento não está indo bem.

Gonçalves e Peixoto (2020), ressaltam que a dislexia é considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) que possui precedência neurobiológica e atinge a escrita e a leitura, ou seja, nos processos de alfabetização que manifesta de origem biológica. Costumam ter dificuldades quando associam o som à letra, e costumam trocar as letras ou de maneira contrária.

Para Pimenta (2012), a falta de conhecimento sobre a dislexia por parte do docente e demais profissionais da educação contribui de maneira relevante para o atraso do aluno na inclusão escolar, pois os educandos com esse tipo de transtorno muitas vezes são considerados indisciplinados, ocasionando a falta de auxílio ou de uma intervenção específica e adequada.

Ainda é importante ressaltar que as dificuldades em leitura e escrita não podem ser explicadas de maneira mais adequada por deficiência intelectual, síndromes, transtornos neurológicos, transtornos genéticos, adversidades psicossociais ou instrução em uma língua que não seja a materna da criança. Além disso, é crucial que essas dificuldades comecem no início do processo de alfabetização, quando são solicitadas da criança as habilidades de escrita e leitura (APA, 2014).

Jardini RS (2003) destaca que há uma discrepância entre o potencial cognitivo de aprendizagem de uma pessoa com dislexia e seu desempenho escolar. Segundo o autor, indivíduos disléxicos apresentam capacidade cognitiva apropriada e inteligência na média ou acima da média. No entanto, apesar dessas características favoráveis à aprendizagem, eles enfrentam dificuldades na aquisição e uso das linguagens.

A Dislexia é uma condição neurológica que está associada a dificuldades na aquisição e processamento da linguagem. Apresenta-se em diferentes graus de gravidade e manifesta-se por dificuldades na linguagem receptiva e expressiva, incluindo processamento fonológico, leitura, escrita, ortografia, caligrafia e, em alguns casos, em habilidades matemáticas. Acredita-se que a dislexia seja uma condição hereditária e esteja relacionada a perturbações neurológicas em áreas visuais e auditivas do córtex cerebral. Compreender o funcionamento cerebral envolvido na aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita, assim como suas disfunções, tem sido objeto de pesquisa contínua (Fagundes, 1995; Hallahan & Mercer, 2001; Fletcher et al., 2007).

Para que seja diagnosticada a dislexia, é necessário que a criança apresente um desempenho escolar na área da leitura e escrita consideravelmente abaixo do esperado para sua idade e série escolar, desde que suas outras habilidades cognitivas estejam em conformidade. Isso significa que a criança deve ter um desempenho satisfatório em disciplinas que não envolvam leitura e escrita, possuir habilidades sociais típicas, demonstrar coordenação motora adequada tanto em atividades amplas quanto em atividades finas, ser capaz de fornecer respostas apropriadas quando questionada verbalmente e interpretar corretamente textos orais apropriados para sua idade, quando lidos por outra pessoa (CAPOVILLA, 2008).

De acordo com Lanhez e Nico (2002), a dislexia é um distúrbio que afeta o processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Este distúrbio não é uma doença, mas uma condição com características específicas. Os autores afirmam que a dislexia começa a se manifestar durante o período de alfabetização, embora alguns sintomas possam ser identificados em fases anteriores. Mesmo com instrução adequada, inteligência normal e oportunidades socioculturais favoráveis, as crianças disléxicas têm dificuldades no processo de aquisição da linguagem. A dislexia não é causada por fatores intelectuais, emocionais ou culturais, sendo uma condição hereditária. Além disso, os meninos são afetados pela dislexia em uma proporção três vezes maior do que as meninas.

De acordo com Nico e Souza (1995), a dislexia é um dos diversos transtornos de aprendizagem que se caracteriza por uma dificuldade na decodificação de palavras e no processamento fonológico, resultando em desafios não apenas na leitura, mas também na escrita e soletração, bem como em outras formas de linguagem. Em outras palavras, a dislexia se manifesta como uma incapacidade de decodificar os sons em palavras ou das palavras em sons, o que impede o disléxico de perceber os vários sons existentes em uma palavra. Indivíduos com dislexia apresentam problemas com palavras escritas e impressas.

Muitos estudantes afetados pela dislexia enfrentam dificuldades para distinguir fonemas com sons ou grafias semelhantes, indicando problemas no processamento auditivo e, às vezes, no processamento visual. Isso resulta em dificuldades na codificação da fala e na decodificação da escrita, prejudicando a capacidade de leitura e escrita do aluno. Como resultado, atividades como soletrar, identificar fonemas e construir palavras com base no som das letras ou em sua grafia são afetadas negativamente na criança, exigindo intervenção terapêutica e educacional (CAPOVILLA, 2008).

Conforme Oliveira (2013), a dislexia não é uma doença, mas sim um transtorno que afeta uma parcela significativa da população. Embora sejam inteligentes, essas pessoas necessitam de mais tempo do que indivíduos não disléxicos para processar informações. São criativas e possuem uma percepção emocional apurada, sendo frequentemente confundidas com hiperativas e desatentas por não terem motivação em concentrar-se em algo cujo significado não conseguem compreender.

A colaboração dos pais é essencial para que a criança disléxica possa desenvolver a confiança em si mesma. É fundamental que a família escolha cuidadosamente a escola que receberá seu filho, verificando se utiliza métodos eficazes que atendam às suas necessidades, se tem conhecimento sobre o distúrbio linguístico e está preparada para alfabetizá-lo de forma que se sinta como um aluno regular (MARTINS, 2003). O envolvimento dos pais na educação dos filhos, especialmente daqueles com dislexia, pode fazer toda a diferença. É importante conversar com os professores responsáveis pelo ensino da criança, informá-los sobre o distúrbio e estar disponível para ajudar sempre que necessário (OLIVEIRA, 2013).

### **3. METODOLOGIA**

Foi utilizado a metodologia mista por meio de questionário fechado que é um método sistemático de coleta de dados, através de pesquisa de campo. Segundo Fachin (2005), é amplamente aceito que a pesquisa quantitativa oferece compreensão e percepção abrangentes das circunstâncias do problema. Em contrapartida, a pesquisa quantitativa visa atribuir valores numéricos aos dados e muitas vezes faz uso de técnicas estatísticas para análise. O domínio da pesquisa quantitativa oferece uma compreensão e perspectiva mais abrangentes do contexto da questão. O questionário é uma ferramenta valiosa para coletar insights sobre percepções, opiniões, interesses e conceitos relacionados, afirma Gil (2011).

A pesquisa foi realizada com professores e pais que atuam com crianças com dislexia e responsáveis de crianças com diagnóstico ou queixa de dislexia escolhidos por conveniência. O convite para participar da pesquisa foi feito de forma eletrônica por meio de uma mídia social (Instagram) na página da pesquisadora que possui cerca de 10.000 seguidores.

Como critério de inclusão participarão todas as pessoas que assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Critérios de exclusão: serão excluídas pessoas que não possuam crianças com dislexia ou queixa ou que não assinarem o termo de consentimento. As famílias foram acessadas por conveniência a partir de uma página na rede social instagram @dificuldade.aprendizagem da pesquisadora, que também é mãe de menina com dislexia, e que conta atualmente com aproximadamente 8.000 inscritos.

Foi enviado um convite para uma live na qual a pesquisadora apresentará o objetivo da pesquisa, esclarecerá dúvidas e disponibilizará o TCLE. Uma vez assinado o TCLE será encaminhado o link para o questionário via Google Forms.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UPM em 10 de agosto de 2022 sob com o número do parecer: 5.574.133.

#### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os dados foram analisados quantitativamente para se avaliar o conhecimento dos professores, bem como o uso do e-book por famílias e escolas. As perguntas abertas foram analisadas utilizando-se uma adaptação da Análise de Conteúdo de Bardin (2014), através de três etapas fundamentais que são consideradas por Bardin (2014), com a avaliação do conteúdo com a análise de conteúdo: a pré-análise, que é a organização de matérias; a descrição analítica, é baseado através de referências teóricas e hipótese de pela hipótese e as referências teóricas, e por último a fase de interpretação referencial.

Esta pesquisa tem como objetivo coletar informações sobre a experiência de responsáveis de crianças com Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) em relação ao diagnóstico, acolhimento na escola, custos, acompanhamento multidisciplinar, ensino remoto, comorbidades, conhecimento sobre dislexia, fontes de informação, suspeita do transtorno, apoio nas atividades escolares e interação com a escola.

Vinte responsáveis de crianças em período escolar foram convidados a participar desta pesquisa. Dos participantes da pesquisa, 40% dos filhos estudam em escolas

particulares, enquanto 60% frequentam escolas públicas. Além disso, a grande maioria dos responsáveis, cerca de 90%, afirmaram que seus filhos não possuem um laudo oficial de diagnóstico. Além disso, mais de 60% das crianças foram diagnosticadas com Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) após os 10 anos de idade. Esses resultados destacam a diversidade de contextos educacionais e a importância de um diagnóstico precoce para melhor atender às necessidades das crianças com TEAp.

Após o diagnóstico de dislexia, os resultados da pesquisa revelaram que a grande maioria dos filhos, cerca de 80%, não foi bem acolhida na escola em que estudam. Em relação à renda familiar, aproximadamente 60% dos responsáveis possuem uma faixa de renda entre R\$4.500,01 e R\$10.500,00. Quanto ao custo do diagnóstico, cerca de 60% afirmaram ter investido um valor entre R\$1000,00 e R\$2.000,00.

No que diz respeito ao acompanhamento multidisciplinar, até R\$1.000,00 é o valor mensal destinado por 60% dos responsáveis para fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo/neuropsicopedagogo e médico neurologista. Atualmente, 80% dos filhos estão recebendo acompanhamento mensal com psicopedagogos/neuropsicopedagogos e médicos neurologistas.

Quando questionados sobre o ensino remoto, 100% dos responsáveis relataram que seus filhos não conseguiram acompanhar essa modalidade de ensino. Quanto a comorbidades vinculadas à dislexia, nenhum dos filhos possuía outras comorbidades. No entanto, 20% dos responsáveis relataram que seus filhos apresentavam DPAC (Distúrbio de Processamento Auditivo Central) e TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), enquanto 40% apresentavam apenas TDAH.

Em relação ao conhecimento sobre a dislexia, 60% dos responsáveis afirmaram conhecer o site da ABD (Associação Brasileira de Dislexia), enquanto 90% desconheciam o e-book da ABD de melhores práticas para dislexia. Dos 10% que conheciam o e-book, todos afirmaram que ele contribuiu para o seu dia a dia e que estão aplicando as dicas em casa.

Quando questionados sobre o seu conhecimento sobre a dislexia, 80% dos responsáveis classificaram seu conhecimento como ruim. As principais fontes de informação sobre dislexia foram as redes sociais (Facebook, Instagram, YouTube) para 70% dos participantes, seguidas por livros para 5% deles. A suspeita de que seus filhos pudessem ter dislexia foi relatada por 90% dos responsáveis devido à dificuldade de leitura e escrita.

Em relação ao apoio nas atividades escolares em casa, 85% dos responsáveis afirmaram apoiar seus filhos. No entanto, quando questionados sobre a interação com a escola no que diz respeito ao apoio e adaptações necessárias, 75% consideraram essa interação ruim. Esses resultados destacam a necessidade de melhor acolhimento nas escolas,

maior acesso à informação sobre dislexia e uma interação mais efetiva entre os responsáveis e as escolas para proporcionar o suporte necessário às crianças com TEAp.

Já na entrevista dos professores, tivemos 15 entrevistados, com 100% de residência no estado de São Paulo. A pesquisa realizada com professores revelou alguns aspectos importantes relacionados à sua formação e conhecimento sobre a dislexia. Dos professores participantes, surpreendentemente, 80% possuem pós-graduação, demonstrando um investimento em sua capacitação profissional. Além disso, 60% atuam em escolas particulares, enquanto 30% trabalham em escolas públicas.

Uma informação relevante é que todos os professores afirmaram saber o que é a dislexia e como ela é identificada, demonstrando um conhecimento básico sobre o transtorno. No entanto, apenas 60% deles conhecem o DSM-5, o manual de diagnóstico utilizado para classificar os transtornos mentais.

Quando questionados sobre a preparação da escola para receber alunos com transtornos de aprendizagem, a maioria dos professores, cerca de 85%, acredita que as instituições não estão adequadamente preparadas. Além disso, 90% dos professores não se sentem confiantes em identificar transtornos de aprendizagem em sala de aula, o que pode indicar a necessidade de maior capacitação e suporte.

No entanto, é importante ressaltar que 80% dos professores avaliaram seu nível de conhecimento sobre transtornos de aprendizagem como bom, o que demonstra um esforço em buscar conhecimentos na área. Por outro lado, 40% dos professores admitiram não se sentirem confortáveis em ter alunos com transtornos de aprendizagem, indicando a existência de desafios e possíveis dificuldades na inclusão desses estudantes.

A pesquisa também revelou que todos os professores concordam que a metodologia utilizada pode influenciar a aprendizagem dos alunos. Essa percepção é fundamental para a busca de estratégias pedagógicas adequadas para auxiliar os estudantes com dislexia e outros transtornos de aprendizagem.

Em relação às fontes de conhecimento sobre a dislexia, apenas 45% dos professores afirmaram conhecer o site da ABD (Associação Brasileira de Dislexia), enquanto nenhum deles tinha conhecimento do e-book da ABD de melhores práticas para dislexia. A maioria dos professores, cerca de 60%, busca conhecimento por meio de palestras.

Esses resultados indicam a importância de investir na capacitação e formação dos professores, bem como de promover uma maior conscientização e preparação das escolas para receber alunos com transtornos de aprendizagem. É essencial que os educadores se sintam confiantes e capacitados para identificar e apoiar os estudantes que necessitam de suporte adicional, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou uma visão abrangente sobre a realidade dos responsáveis de crianças com Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) e dos professores em relação à dislexia. Os resultados revelaram desafios e lacunas significativas que precisam ser abordados para proporcionar uma melhor experiência educacional para essas crianças.

No que diz respeito aos responsáveis, observou-se uma falta de diagnóstico oficial para a maioria das crianças, o que destaca a importância de um processo de identificação precoce e encaminhamento adequado. O acolhimento nas escolas foi relatado como problemático para a maioria das crianças com dislexia, evidenciando a necessidade de maior conscientização e preparação das instituições de ensino. Além disso, os custos relacionados ao diagnóstico e acompanhamento multidisciplinar podem representar um ônus financeiro para as famílias, especialmente para aquelas com menor renda.

A dificuldade de acompanhar o ensino remoto foi apontada por todos os responsáveis, indicando a importância de estratégias de ensino adaptadas e suporte adicional durante períodos de ensino não presencial. A presença de comorbidades, como o TDAH, também foi identificada em alguns casos, enfatizando a importância de uma abordagem multidisciplinar para o tratamento e acompanhamento dessas crianças.

Quanto ao conhecimento sobre a dislexia, os resultados mostraram que a maioria dos responsáveis possui um conhecimento limitado, dependendo principalmente de fontes informais, como redes sociais, para obter informações. Isso ressalta a necessidade de ampliar o acesso a fontes confiáveis de informação, como o site da ABD e seu e-book de melhores práticas para dislexia.

Por outro lado, os professores demonstraram um nível mais elevado de formação acadêmica, com a maioria possuindo pós-graduação. No entanto, a falta de confiança em identificar transtornos de aprendizagem e a percepção de que as escolas não estão preparadas para receber alunos com essas dificuldades indicam a necessidade de investimentos em capacitação e suporte para os educadores. É crucial que eles se sintam preparados e confortáveis em lidar com as necessidades específicas dos alunos com dislexia, a fim de promover uma educação inclusiva e de qualidade.

A pesquisa também destacou a influência da metodologia de ensino na aprendizagem dos alunos, evidenciando a importância de abordagens pedagógicas diferenciadas e adaptadas às necessidades individuais. Além disso, a falta de conhecimento sobre fontes confiáveis, como o site da ABD (Associação Brasileira de Dislexia), sugere a importância de promover recursos acessíveis e direcionados aos professores, como palestras e materiais educativos.

Em suma, os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de investir em melhorias no sistema educacional, fornecendo suporte adequado para os responsáveis de crianças com dislexia e capacitando os professores para atender às necessidades desses alunos. A conscientização, a formação contínua e o acesso a recursos confiáveis são fundamentais para promover uma educação inclusiva e equitativa, garantindo o pleno desenvolvimento e aprendizado das crianças com TEAp.

## 6. REFERÊNCIAS

Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2014. \*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-5).\* American Psychiatric Association.

CÂNDIDO, E. da C. "Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental." Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro: RJ, 2013. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/T208833.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf). Acesso em: 25 abr. 21.

CAPELLINI, S. A. et al. "Desempenho em consciência fonológica, memória operacional, leitura e escrita na dislexia familiar." \*Pró-Fono Revista de Atualização Científica\* [online]. 2007, v. 19, n. 4, pp. 374-380. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-56872007000400009>>. Epub 15 Jan 2008. ISSN 0104-5687.

DAVIS, R. \*O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender;\* tradução de Ana Lima e Gracia Badaró Massad. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FONSECA, V. \*Dificuldades de Aprendizagem.\* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

GONÇALVES, P.; PEIXOTO, A. \*10 perguntas e respostas para compreender a dislexia\* [livro eletrônico]. – 1 ed. -Curitiba: Editora Dialética e Realidade 2020.

GUIMARÃES, A. C; MAU, L. B.; MAUNSELL, R. "COVID-19 in children: considerations for returning to school." \*Brazilian Journal of Otorhinolaryngology.\* São Paulo, v. 86, n. 6, p. 667-668, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.bjorl.2020.09.005>.

INSTITUTO ABCD. <https://www.institutoabcd.org.br/perguntas-e-respostas/>. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 25 abr. 21.

LEÓN, C. B. R.; CATIB, R. F.; SEABRA, A. G.; DIAS, N. M. "Neurociência aplicada na formação de graduandos em pedagogia: ênfase nas funções executivas." \*Apresentação dos Resumos Referentes aos Trabalhos do XI Congresso Brasileiro de Psicopedagogia - V Simpósio Internacional de Psicopedagogos.\* Revista de Psicopedagogia, São Paulo, v. 36, supl. 1, p. 1-39, 2019.

LEÓN, C. B. R.; PAIANO, R.; FRAGOSO, A. O.; SIQUEIRA, A. R. C. S.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; SEABRA, A. G. "Construção e validação de instrumento para avaliar conhecimentos de universitários sobre transtorno específico da aprendizagem." \*Estudos Interdisciplinares em Psicologia\*, Londrina, v. 10, n. 3, p. 121-138, dez. 2019.

LINS, E. K. et al. "Juntando as peças: aprendendo sobre a dislexia: uma cartilha para pais e professores." \*Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Escolar, Florianópolis,\* 2020.

MANTOAN, M. T. E. "Ensinando a turma toda." \*Pátio - Revista Pedagógica,\* Porto Alegre, ano V, n. 20, p. 18- 28, fev./abr.2002.

MOURA, S. P. P. T. de. "A dislexia e os desafios pedagógicos." \*Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica.\* Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ, 2013. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205864.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf). Acesso em: 25 abr. 21.

MUNIZ, M.; SILVA, L. C.; COUTINHO, A. R. "Análise de planos de disciplinas relacionadas às neurociências, neuropsicologia e neuroeducação nos cursos de pedagogia." \*Trilhas Pedagógicas\*, v. 3, n. 3, p. 103-118, 2013.

NAVAS, A. L.; DE SALLES, J. F. \*Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas.\* São Paulo; Pearson Clinical Brasil,2017.

O QUE É DISLEXIA. \*Associação Brasileira de Dislexia (ABD).\* Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 25 abr. 21. PACHECO, L. P.; HÜBNER, L. C. "Como o distanciamento social em tempos de pandemia desafia os estágios iniciais da aprendizagem da leitura em crianças." \*Signo,\* Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 85, p. 58-69, jan. 2021. ISSN 1982-2014.

PIMENTA D. C. F. G. "DISLEXIA: Um estudo sobre a percepção de professores do ensino fundamental." In: \*Seminário Nacional de Educação Especial, 5., Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar, 4., 2012, Uberlândia.\* Anais ...Uberlândia: CEPAE, 2012, p. 1-15. Disponível em: <[http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminarario/trabalhos/288\\_1\\_1.pdf](http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminarario/trabalhos/288_1_1.pdf)> . Acesso em: 25 abr. 2021.

SEABRA, A. G.; SIMI, L. G.; MINERVINO, C. A. M.; LEÓN, C. B. R. "Orientações a pais de crianças com dislexia durante o período de atividades educacion

#### Contatos

Débora Calabro Gonzalez

deboracalabro0109@gmail.com

Ronê Paiano

rone.paiano@mackenzie.br